
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS - UNIFEOB**

Gabriel Alves Ribeiro do Valle - RA: 21001047

Tallyta Cristina Pastre Menato Bovo - RA: 21001305

Leandro Lonardonni - RA: 21000935

Raiane Arouca Costa - RA: 21001363

Victor Gabriel Afonso da Silva - RA: 21001349

**As Formas de Apego e Suas Influências no
Desenvolvimento Humano Desde a Infância**

São João da Boa Vista/SP

2022

RESUMO

Palavras-chave:

I. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Consideramos os humanos como uma espécie social, sendo assim, formamos laços de longo prazo com indivíduos selecionados (Johnson, Z. V. & Young, L. J. 2015).

A sociedade é uma estratégia de sobrevivência, que otimiza a obtenção dos recursos necessários para o crescimento, proteção e reprodução.(Dunbar, R. I. & Shultz, S.2007) Conseqüentemente, muitas características psicológicas humanas podem ser melhor compreendidas num contexto coletivo. Começamos por definir essa espécie como aquela em que os animais regulam os processos fisiológicos fundamentais uns dos outros, e, portanto, a sua sobrevivência depende destes laços sociais. Alostase é o ajustamento contínuo do meio interno de um indivíduo que é necessário para a sobrevivência, crescimento e reprodução.(Sterling, P. 2012). Os animais aprendem gradualmente a regular a sua própria alostasia e a dos outros usando a comunicação.(Atzil, S. & Barrett, L. F. 2017).

A dependência comunitária para a regulação da alostase vem de uma evolução que depende não só da fisiologia do indivíduo para subsistirem, mas também do seu entorno. Este plano evolucionário vem da incapacidade de controlar a sua própria alostase, potencializando a necessidade do apego para a de desenvolvimento na aprendizagem de conhecimentos e comportamentos culturalmente relevantes, necessários para convivência no meio. Nos recém-nascidos, a presença do cuidador é o que de fato mantém os recém-nascidos vivos, o que poderia ter implicações robustas para o desenvolvimento social. As mães estabelecem e controlam a alostase nos seus descendentes durante o desenvolvimento embrionário.(Rao, P. N. S., Shashidhar, A. & Ashok, C. 2013).

Esta dependência fisiológica continua uma vez que os descendentes nascem, os recém-nascidos dependem das suas mães, e a vida social inicial é concebida para

regular fisicamente a alostase na criança, incluindo o gasto de energia, temperatura e função imunológica (Winberg, J.2005) e as mães fornecem implicitamente regulação bio-comportamental aos seus descendentes. É importante notar que enquanto uma mãe regula a alostase do seu bebê, ela fornece nutrição, calmante e conforto. Com efeito, o apoio alostático de um cuidador é gratificante.(Keramati, M. & Gutkin, B. 2014)

Com cuidados repetidos, a criança constrói gradualmente um modelo interno do prestador de cuidados.(Hofer, M. A.1994) Como a experiência com o cuidador é repetidamente associada a uma recompensa vigorosa, o apego se torna a motivação da criança para as interações sociais.

A TEORIA DO APEGO (TA)

Através de artigos de John Bowlby sobre a Teoria do Apego, entre outros profissionais, abordaremos aspectos vitais do desenvolvimento humano que são afetados pelas relações entre a criança e suas figuras parentais. Sable (2008) vem dizer que o primeiro vínculo é o mais importante (podendo-se tornar insubstituível) para o indivíduo em seus primeiros meses de vida, onde nesse caso, sendo o da mãe com seu filho(a) e vai determinar como serão seus vínculos durante a vida. De acordo com Adriana Gomes (2011), Bowlby vem observar o cuidado de forma inadequada, o desconforto e a ansiedade ocasionadas pela separação no núcleo familiar que vem trazer vários efeitos negativos aos pequenos, principalmente se nessa separação a figura materna ficar apartada.

Hoje, sabemos que o apoio familiar em situações de estresse pode resultar em maior adaptação e resistência, sem sofrer alterações significativas em seu estado psicológico (Ellis et al., 2020; Humphreys e Salo, 2020). Pesquisas feitas por Bowlby demonstram que bebês sentem medo em situações novas, ou quando expostos a algum tipo de brinquedo amedrontador, mas que ao ter a presença do pai esse medo era atenuado, e que a presença da mãe funciona como um bloqueador de hormônios de estresse natural por meio do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA) (Bowlby, 1978; Flak et al., 2014).

Puderam constatar também que o cuidado inadequado ou de baixa qualidade deixaria a criança exposta a vários fatores adversos como por exemplo déficits psicossociais, incluindo possibilidades de transtornos psiquiátricos e dificuldades com regulação emocional ligados aos altos níveis de estresse (Shonkoff e Garner,2012). "Os efeitos do estresse podem se estender além das pistas comportamentais para incluir alterações como funcionamento anormal, volume e até degradação em estruturas como a amígdala e o hipocampo" (McEwen, 2008; Hanson e Nacewicz,2021).

O desenvolvimento afetivo é um elemento de extrema importância para a construção de um indivíduo enquanto na sociedade, sendo assim a infância torna-se um fator de extrema importância para este, pois é nela onde a capacidade de aprendizado é mais assídua. É importante enfatizar o quanto o desenvolvimento de uma criança pode ter um impacto direto no adulto posteriormente.

Estudos voltados para a TA apontam que as formas de apego que desenvolvemos durante a infância determinarão qual o estilo de relacionamentos e comportamentos levaremos a fase adolescente/adulta. São elas:

- Apego Desorganizado: os adolescentes classificados com este padrão geralmente são mais hostis em relação à figura parental materna, possuem inter-relações confusas e possuem menor autonomia em relação a mãe. Além de ser comum em crianças que sofreram algum tipo de abuso, tinham lares instáveis, quando ela sente que não pode confiar em seus pais ou até mesmo de pais amedrontadores. (BOWLBY, 1979/2001).

- Apego Seguro: percebem a si mesmo como possuindo relações familiares coesas, harmoniosas, são confiantes, generosos e demonstram bastante tolerância em relação a si mesmos e com a figura de apego, em suas relações amorosas são os mais românticos, confiáveis e possuem autonomia emocional.(BOWLBY, 1979/2001).

• Apego Evitativo: os grupos classificados neste tipo são desapegados e não possuem necessidade de confiar em outras pessoas e não influenciados pelas experiências de apego iniciais. Grande parte dessas pessoas desenvolvem ligação com transtornos alimentares além de possuírem muito pouco interesse na relação familiar e possuem sentimentos negativos em razão a ela. (BOWLBY, 1979/2001).

• Apego Ambivalente: características de pessoas que constroem relações frustrantes e que são insatisfatórias e se mostram frequentemente confusos e angustiados. Em mulheres, associa-se sintomas de depressão. São extremamente controladores entre os membros da família e falta compreensão das dinâmicas da família.(BOWLBY, 1979/2001).

APEGO NA ESCOLA

Visto a importância do apego para o desenvolvimento da criança e a influência que ele tem para a formação da personalidade e de como a criança cria a percepção do mundo, já sabendo da importância da primeira relação e apego com a família, relação materna - paterna, focaremos em um segundo ponto, a segunda relação de apego da criança com o mundo, o ambiente escolar. Na vida das crianças, o ambiente familiar, é a base onde saem para explorar um mundo fora de casa e fazer novas descobertas a partir do que foi aprendido. A escola, sendo o primeiro espaço externo para a exploração, apresenta uma função importante ao permitir que a criança saia de seu núcleo familiar, considerada a matriz de sua identidade e possa ser inserida na cultura.

A partir do conhecimento do mundo, a criança vai formando sua própria identidade. Por isso é importante manter uma perspectiva relacional, entre ambiente familiar e escolar, pois permite observar uma relação que vai além da díade mãe-criança ou cuidador-criança. Mais do que pensar o apego enquanto um fenômeno relacional, essa visão analisa o processo em seu contexto. Embora as pesquisas indiquem as relações maritais como constituintes do núcleo relacional da vida familiar, a análise contextual permite pensar o apego associado a fatores que extrapolam o contexto familiar. Kreppner (2000) e Tudge e colaboradores (2000)

indicam que além das figuras parentais, contextos como a escola, o trabalho, a família estendida, entre outros, exercem influência sobre a evolução na infância.

Pensando em uma perspectiva relacional, família – escola, pensamos que a função dos professores não seria apenas passar um conteúdo didático, mas sim, servir como base segura de apego para a criança desenvolver todo seu aspecto cognitivo e emocional. A atribuição do educador deve ser repensada para além da transmissão de conteúdos didáticos, uma vez que exerce o papel de cuidador alternativo na construção de uma base segura para a criança e se refere a um modelo para ser seguido pelo aluno (Casellato, 2012). Sendo assim, o apego com os estes profissionais pode servir como um apoio para o desenvolvimento de habilidades emocionais e cognitivas para a criança, que não obteve o apego no ambiente familiar.

Para muitas crianças, o meio escolar é o caminho de acesso para a realização e pode compensar em algum grau as ausências nas primeiras experiências que inibem o desenvolvimento e a aprendizagem. Assim, é útil refletir sobre as possibilidades de melhorar as capacidades das escolas como Base Segura. (Geddes, 2006). Entende-se que o investimento em práticas de relação afetiva estabelecida com o professor, como figura de apego, extensa aos pais, composta pelo primeiro contato com o mundo externo da criança, é fundamental, uma vez que o professor pode ser capaz de solidificar e construir laços de confiança com o aluno para a exploração e conhecimento deste de forma eficiente e eficaz (Amado et. al., 2009).

Considera-se a instituição escolar como potencial fonte de bem-estar emocional e de resiliência. Uma criança com uma experiência de apego predominantemente inseguro, por exemplo, ao estabelecer relações com outros cuidadores significativos, pode vivenciar experiências positivas e assim melhorar sua autoestima e resiliência. (Geddes, 2006).

Portanto é importante que os responsáveis pelo ambiente escolar estejam atentos que eles possuem um papel mais importante que apenas ensinar matérias

didáticas, mas sim, de que influenciam a formação da personalidade das crianças, auxiliando que o ingresso da criança na escola seja uma experiência positiva, e que assim, oportunize formas de perceber a si mesma e o mundo de forma mais segura e autônoma.

A escolha deste tema se baseou na proposta do Projeto Integrado da UNIFEOB "Para qual lugar a criança vai depois que cresce?". Tendo como objetivo observar crianças em escolas, preferimos seguir pela perspectiva de analisar a relação de apego que a criança estabelece no ambiente escolar, isso se justifica pela razão de que muitas vezes é o professor e os colaboradores que ocupam o papel central em fornecer os reforçadores necessários para que a criança interaja com seu ambiente social e possua um desenvolvimento saudável, visto que em diversos casos familiares isso é deficitário.

Para isso utilizaremos a Teoria do Apego de John Bowlby como base para identificar em que fase estão, além de fazer um levantamento de aspectos fisiológicos que envolvem o apego, buscando assim enfatizar o impacto que ele causa no organismo. Com isso, espera-se em primeiro lugar contribuir positivamente com a sociedade, explicitando como a falta de apego pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento, bem como o seu fortalecimento pode se tornar um fator de proteção para problemas futuros. Além disso, esperamos contribuir também com a literatura científica, possibilitando assim um aumento de estudos na área.

II. OBJETIVOS

Realizamos uma observação na instituição, buscando analisar as interações e os comportamentos das crianças junto com os professores e seus amigos, tivemos como foco como se apresenta o apego entre eles, se eles apresentariam um apego seguro, desorganizado, ambivalente ou evitativo.

Ao analisarmos o comportamento e as relações, alunos-alunos e alunos-professores, buscamos dentro do possível, entender não apenas como cada aluno apresentou características de apego, mas também se a escola estava sendo um ambiente que potencializava ou não tais comportamentos, se ela estava

conseguindo fornecer um ambiente seguro, para possíveis dificuldades de relação apresentadas pelos alunos, ajudando -os a potencializarem os aspectos positivos e melhorarem os aspectos negativos, visto que a escola é o segundo ambiente onde a criança irá desenvolver as características relacionais e de apego.

Analisando todo o contexto, buscamos de alguma forma contribuir para que a escola incentivasse o apego seguro. Apresentamos uma proposta de interação, para fortalecer a confiança entre aluno-professor, onde o professor no primeiro contato com as crianças fez uma atividade de apresentação, fazendo com que eles ao se cumprimentarem, escolhesse, algumas das opções, entre elas estavam, abraços, aperto de mãos, dancinha ou careta, com isso buscamos aumentar a confiança, a empatia, desenvolver relacionamentos mais positivos entre eles, serviu assim como apoio para um desenvolvimento da personalidade saudável.

III. METODOLOGIA

O presente estudo se tratou de uma pesquisa de observação qualitativa. Este trabalho foi envolvido no Projeto Integrador do módulo 4 do curso de Psicologia da UNIFEOP, tendo como o principal responsável a docente Patrícia Bento.

A pesquisa foi realizada na escola EMEB Prof Maria Angelina na cidade de São João da Boa Vista, onde seu segmento é voltado para a Educação Infantil 1ª e 2ª fase, tendo como a 2ª fase o nosso público alvo. Entregamos também uma carta à instituição referente ao interesse dos alunos em efetuar o estudo nesta.

Nossos participantes foram os estudantes da escola, cuja idade foi variada entre cinco e seis anos, de ambos os sexos, e, observamos no total vinte estudantes. Na pesquisa participaram somente os estudantes da Educação Infantil da 2ª fase da referida escola e, foram excluídos estudantes que não faziam parte da escola EMEB Prof Maria Angelina ou que possuísem uma idade maior que 6 anos.

Como instrumento, adotamos uma observação livre e tivemos como principal função conhecer melhor o nosso problema de pesquisa e fornecer alguns dados que foram utilizados no projeto.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizado um experimento, em que colamos uma cartolina na parede, com as palavras “CARETA”, “APERTO DE MÃOS”, “ABRAÇO” e “DANCINHA” e também imagens, demonstrando o significado de cada palavra, pois as crianças ainda estão no processo de aprenderem a ler e escrever, fizemos uma fila de crianças ao lado da parede com a cartolina, em que elas tinham o livre arbítrio para escolherem qual das opções elas queriam, e uma aluna do curso de psicologia a frente delas, realizando a ação escolhida por eles. Então, 70% das crianças escolheram o abraço, 2 crianças pularam no colo no momento do abraço, ilustrando mais afetividade do que as demais crianças, um gesto que demonstrou carência e que precisam de carinho para que eles se sintam amados.

Também foi realizada uma observação entre os alunos e a professora e levando-se em conta que todo professor deve esforçar-se para conhecer seu aluno: seu modo de pensar, suas características individuais, seus gostos etc., a professora da sala observada, mostrou-se muito próxima dos alunos, tendo assim, a possibilidade de desenvolver a partir da afetividade, uma relação amistosa de confiança e respeito.

Embora fossem alunos muito agitados e com comportamento difícil, houve entre professora e alunos uma comunicação clara e objetiva.

Através do vínculo estabelecido entre docente e alunos, houve sempre a procura pela professora para resolver eventuais conflitos. Eram crianças na faixa etária de 5, 6 anos e ainda, muito imaturos, o que requereu da docente, muita disposição para ouvi-los e atendê-los em seus interesses e habilidades individuais, levando-se em conta sempre seus conhecimentos anteriores. A professora foi alegre, muito lúdica, o que aproximou ainda mais os alunos, já que para eles a brincadeira, a espontaneidade, fazem parte de todo processo de desenvolvimento.

De maneira geral, houve muita empatia entre ambos. A professora corrigia quando preciso e nenhum conflito aparente foi observado. Os alunos tinham liberdade de expressão, mas eram cobrados que não se quebrassem os combinados e regras estabelecidas entre eles.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apego vem sendo cada vez mais estudado na psicologia e sua importância na formação da personalidade vem ganhando cada vez mais destaque no mundo acadêmico.

Entendendo essa importância, e tendo como base a teoria do John Bowlby, buscamos trazer esse tema para o ambiente escolar, não focando apenas no apego do pai e da mãe, visto que a escola também é um ambiente onde se influencia muito os tipos de apego e muitas vezes é negligenciado essa importância, não preparando os profissionais responsáveis a lidarem da melhor forma na formação da personalidade das crianças.

Esperamos assim que esse trabalho tenha conseguido destacar a importância do tema e que as intervenções tenham trazidos uma melhoria na vida dos profissionais e principalmente das crianças envolvidas e que possa servir também como base para estudos posteriores sobre o tema envolvido.

VI. REFERÊNCIAS

Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. Junho de 2005. Juliana Xavier Dalbem; Débora Dalbosco Dell'Aglio. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

GOMES, A. A. A Teoria do Apego no Contexto da Produção Científica Contemporânea. 2011. 285f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2011.

Packard, K. Opendak, M. Soper, C. Sardar H. Sullivan, R. Apego Infantil e Modificação Social da Neurobiologia do Estresse. *Frontiers in Systems Neuroscience*, publicado online, p. 1-17, 16 de agosto de 2021.

White, L. Schulz, C. Schoett, M. Kungl, M. Keil, J. Borelli, J. Vrtička, P. Análise Conceitual. Uma abordagem da neurociência à interação interpessoal no contexto de ruptura e desorganização do apego (NAMDA). *Frontiers in psychiatry*, publicado online, p. 1-33, Dez. de 2020.

Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Otero, D., Kulakova, N., Tammeveski, P., & cols. (2000). Parent's participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 16, 01-11.

Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathway's. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 11-22.

SASSI, Franciele. Et Al. Contribuições da teoria do apego no contexto escolar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 10, Vol. 06, pp. 05-28 Outubro de 2018. ISSN:2448-0959

Geddes, H. (2006). Attachment in the Classroom. Worth Publishing LTD..

Casellato, G. (2012). Bullying Escolar: onde mora o perigo? Uma reflexão com base na Teoria do Apego sobre a dinâmica agressor/agredido. O mundo da saúde. São Paulo.

Amado, J.; Freire, I.; Carvalho, E.; André, M. J. (2009). O lugar da afetividade na relação pedagógica: contributos para a formação de professores. Sísifo - Revista de Ciências da Educação. N. 8.

Souza da Costa Silva, Simone , & Ramos Pontes, Fernando Augusto , & Colino Magalhães, Celina Maria , & Garotti, Marilice (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. Aletheia, (26),67-79.[fecha de Consulta 9 de Setembro de 2022]. ISSN: 1413-0394. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013567007>

Atzil S, Gao W, Fradkin I, Barrett LF. Growing a social brain. Nat Hum Behav. 2018 Sep;2(9):624-636. doi: 10.1038/s41562-018-0384-6. Epub 2018 Aug 6. Erratum in: Nat Hum Behav. 2018 Sep;2(9):706. PMID: 31346259.

Johnson, Z. V. & Young, L. J. Neurobiological mechanisms of social attachment and pair bonding. Curr. Opin. Behav. Sci. 3, 38–44 (2015)

Dunbar, R. I. & Shultz, S. Evolution in the social brain. Science 317, 1344–1347 (2007)
Sterling, P. Allostasis: a model of predictive regulation. Physiol. Behav. 106, 5–15 (2012).
Atzil, S. & Barrett, L. F. Social regulation of allostasis: Commentary on “Mentalizing homeostasis: the social origins of interoceptive inference” by Fotopoulou & Tsakiris. Neuropsychoanalysis 19, 1–24 (2017).

Rao, P. N. S., Shashidhar, A. & Ashok, C. In utero fuel homeostasis: lessons for a clinician. Indian J. Endocrinol. Metab. 17, 60–68 (2013)

Winberg, J. Mother and newborn baby: mutual regulation of physiology and behavior — a selective review. Dev. Psychobiol. 47, 217–229 (2005)
Hofer, M. A. Hidden regulators in attachment, separation, and loss. Monogr. Soc. Res. Child Dev. 59, 192–207 (1994).

Keramati, M. & Gutkin, B. Homeostatic reinforcement learning for integrating reward collection and physiological stability. eLife 3, e04811 (2014)
Bowlby J. (1953). Alguns processos patológicos desencadeados pela separação precoce mãe-filho. J. Ment. Sci. 99 265-272. 10.1192/bjp.99.415.265

Bowlby J. (1965). Acessório. Nova York, NY: Livros Básicos.

Bowlby J. (1969). Anexo e Perda , Vol. 1 . Nova York, NY: Livros Básicos.

Bowlby J. (1978). A teoria do apego e suas implicações terapêuticas. Adolescência Psiquiatria 6 5–33.

Bowlby J. (1984). Violência na família como transtorno dos sistemas de apego e cuidado. *Sou. J. Psicanal.* 44 9–27,29–31.

Katherine Packard , Maya Opendak , Caroline Davis Soper , Haniyyah Sardar , e Regina M. Sullivan. Apego Infantil e Modificação Social da Neurobiologia do Estresse. Publicado online em 16 de agosto de 2021. doi: 10.3389/fnsys.2021.718198.

GOMES, A. A. A Teoria do Apego no Contexto da Produção Científica Contemporânea. 2011. 285f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2011